



A INOVAÇÃO SEMÂNTICA RICOEURIANA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Instituto de Humanidades.

RESUMO: O artigo se propõe a discutir a noção de *inovação semântica* como discutida pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), e sua contribuição para se pensar a enunciação metafórica e o discurso narrativo. Usar-se-á como ilustração e caracterização da inovação semântica ricoeuriana, trechos da obra maior do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), *Grande Sertão: Veredas*.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação semântica. Enunciação metafórica. Discurso narrativo.

ABSTRACT: This article aims to discuss the notion of semantic innovation as discussed by French philosopher Paul Ricoeur (1913-2005), and their contribution to thinking about the metaphorical utterance and narrative discourse. It will use as illustration and characterization of semantic innovation ricoeuriana, excerpts from larger works miner writer João Guimarães Rosa (1908-1967), *Great Wilderness: Paths*.

KEYWORDS: Semantic innovation. Metaphorical enunciation. Narrative discourse.

[...] além dos estados líquidos e sólidos, porque não tentar trabalhar a língua em *estado gasoso*?!

João Guimarães Rosa

Paul Ricoeur (1994) afirma que suas obras *A metáfora viva – 1975 – e Tempo e narrativa I, II e III – 1983 a 1985*, a despeito do tempo de publicação que as separam, são irmãs, pois a concepção de ambas se estabelece a partir de um marco conceitual comum: os efeitos de sentido produzidos pela enunciação metafórica e pelo discurso narrativo.

A tradição dos estudos literários informa que a metáfora se referencia à teoria dos tropos ou figuras de discurso, reduzindo-se o campo de atuação destes ao âmbito da palavra. Quanto à narrativa, essa mesma tradição pressupõe sua vinculação exclusiva ao estudo dos gêneros literários. Ricoeur busca ampliar a perspectiva de abrangência tanto da metáfora quanto da narrativa, apresentando como elemento tensionador a noção de *inovação semântica*, ou seja, a “(...) produção de um novo sentido por meio de processos lingüísticos” (1995, p. 89). Em outros termos, a inovação semântica consubstancia-se num processo ordenado de criação lingüística que se estabelece por meio do discurso, concebido como um ato de linguagem que se estende para além da solidão da palavra, ou seja, na extensão, no mínimo, da frase completa.

Com a enunciação metafórica, a inovação semântica realiza-se pela construção de uma inédita pertinência de sentido, a partir de uma qualificação impertinente: “E amor é isso: o que bem-quer e mal faz?” (ROSA, 2001, p. 566). A metáfora rosiana é vivificada pelo inaudito da pertinência semântica atribuída ao sentido literal da palavra “amor”. Para sempre esse enunciado metafórico resistirá a toda e qualquer tentativa de igualá-lo ao raso da denotação.

Com o discurso narrativo, a inovação semântica se cumpre por meio da criação de uma determinada intriga, ou seja, pela composição que reúne fatos, casos, causas e acasos, sintetizados na “(...) unidade temporal de uma ação completa” (RICOEUR,

1994, p. 10). Vejamos, a exemplo, esse breve caso narrado por Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*.

Mire veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sido bons, de bem. Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtêi – nome moderno, é o que o povo daqui agora apreciava, o senhor sabe. Pois essezinho, essezim, desde que algum entendimento alumiou nele, feito mostrou o que é: pedido madrastra, azedo queimador, gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza. Em qual que judia, ao devagar, de todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega; uma vez, encontrou uma crioula benta-bêbada dormindo, arranjou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela. O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco. – “Eu gosto de matar...” – uma ocasião ele pequenino me disse. Abriu em mim um susto; porque: passarinho que se debruça – vôo já está pronto! Pois, o senhor vigie: o pai, Pedro Pindó, modo de corrigir isso, e a mãe, dão nele, de miséria e mastro – botam o menino sem comer, amarram em árvores no terreiro, ele nú nuelo, mesmo em junho frio, lavram o corpinho dele na peia e na taca, depois limpam a pele do sangue, com cuia de salmoura. A gente sabe, espia, fica gasturado. O menino já rebaixou de magreza, os olhos entrando, carinha de ossos, encaveirada, e entisicou, o tempo todo tosse, tossura que puxa secos peitos. Arre, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquinho foram criando nisso um prazer feio de diversão – como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom. Acho que esse menino não dura, já está no blimbilim, não chega para a quaresma que vem... Uê-uê, então?! Não sendo como compadre meu Quelemém quer, que explicação é que o senhor dava? Aquele menino tinha sido homem. Devia, em balanço, terríveis perversidades. Alma dele estava no breu. Mostrava. E, agora, pagava. Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho... Ave, vi de tudo, neste mundo! Já vi até cavalo com soluço... – o que é a coisa mais custosa que há (Rosa, 2001, p. 29-30).

Temos aí um agenciamento de fatos construído mediante uma surpreendente composição, cuja característica fundamental é a reunião de elementos lingüísticos de naturezas diversas. É justamente essa *síntese do heterogêneo* que coloca o discurso narrativo ao lado da enunciação metafórica em termos de inovação semântica. Nas palavras de Ricoeur,

Nos dois casos, o novo – o ainda não-dito, o inédito – surge na linguagem: aqui a metáfora *viva*, isto é, uma nova pertinência na predicação, ali uma intriga *fingida*, isto é, uma nova congruência no agenciamento dos incidentes (1994, p. 10, grifos do autor).

Ali atrás nos referimos à inovação semântica como um *processo ordenado* de criação lingüística, cuja melhor tradução se efetiva, como vimos, por meio da enunciação metafórica e do discurso narrativo. Mas é importante esclarecer o elemento de anterioridade que ordena o processo criativo do qual culmina a inovação semântica, qual seja, o da *imaginação criadora*, ou ao que Ricoeur, inspirado em Kant, chamou de *esquematismo da imaginação*, a matriz de significação da qual resulta o fenômeno da *metáfora viva* e da *intriga fingida*.

O esquematismo kantiano, em linhas gerais, é um método para dar uma imagem a um conceito e, ao mesmo tempo, uma regra para produzir imagens. Ao se orientar por essa noção, Ricoeur constata que a imaginação está muito mais para o método que para o conteúdo. Em outras palavras, a imaginação não se apresenta como um conteúdo significativo *a priori* em relação texto a que nos dirigimos, mas como o próprio ato de apreensão da pertinência do semelhante por ele suscitado. Melhor ainda, a imaginação realiza-se nas imagens do texto sugeridas pela enunciação metafórica ou pelo discurso narrativo, cuja semelhança e verossimilhança encontram referencialidade no mundo vivido,

Subitamente, nós vemos-como; vemos a velhice como o entardecer, o tempo como um mendigo, a natureza como um templo de colunas vivas... (...) introduzimos, no campo da linguagem, a imaginação produtiva kantiana. Numa palavra, o trabalho da imaginação é esquematizar a atribuição metafórica. Como o esquema kantiano, ela dá uma imagem a uma significação emergente. Antes de ser uma percepção desvanecente, a imagem é uma significação emergente (Ricoeur, 1989, p. 219).

Contra qualquer perspectiva filosófica que menospreze o valor cognitivo das imagens, Ricoeur reafirma a imaginação produtora ou esquematizante como um conceito chave para a compreensão da produção de sentido por parte da criatividade humana na realização de suas obras em todas as instâncias da existência.

É dessa maneira que a imaginação produtora ou esquematizante constitui-se na capacidade de criar formas inovadoras na lógica da composição lingüística, como são os casos da enunciação metafórica e do discurso narrativo, não obstante a conformação usual da linguagem. No primeiro caso, há a ocorrência da compreensão do dinamismo provocado pela nova pertinência semântica produzida, a partir de uma pertinência usual e corrente registrada numa frase. No segundo, há a compreensão da composição lingüística que reúne, num mesmo e único completo movimento, uma miríade de fatos, incidentes e circunstâncias, conseqüentes da ação humana, como uma síntese do heterogêneo.

Voltemos a um aspecto de nossa discussão que diz respeito à *referencialidade* da enunciação metafórica e do discurso narrativo ao mundo vivido. Ricoeur apresenta essa questão como estando para além de uma análise ao nível estrutural e semântico da criação lingüística, pois diz respeito ao tema da “(...) referência ou da pretensão à verdade” (RICOEUR, 1994, p. 11). O hermeneuta francês confere à função poética da linguagem uma atuação que transcende a circunscrição da obra em torno de si mesma, cuja esgotabilidade se reduziria ao gozo da experiência estética. Mais que isso, o discurso poético vivifica o texto com elementos do mundo vivido, para o qual, o aspecto meramente descritivo da linguagem usual não logra aceder e dizer. Tal acedência e dicção só são alcançáveis mediante a transgressão da linguagem comum operada pela inovação semântica da qual a enunciação metafórica e o discurso narrativo são resultantes: “(...) além dos estados líquidos e sólidos, porque não tentar trabalhar a língua em *estado gasoso*?!” (ROSA apud W. G. ROSA, 1999, p.378, grifo do autor).

A transgressão lingüística realizada pela inovação semântica, da qual resulta a renovação de sentido da linguagem ordinária, provocada tanto pela nova pertinência de uma atribuição impertinente, no âmbito da metáfora, quanto pela síntese do heterogêneo, no âmbito da intriga, implica num outro nível de transgressão, o da *redescrção* e da *refiguração* do mundo vivido.

Ao nível da metáfora, Ricoeur fala, então, de uma migração conceitual que vai do *sentido metafórico* em direção à *referência metafórica*, a partir da qual se realiza o salto qualitativo do “ver-como” para o “ser-como”.

Ao nível da narrativa, Ricoeur recupera a noção aristotélica de *mimese* para afirmar que a síntese do heterogêneo implicada na intriga, ou seja, na imitação de uma ação, refere-se ao mundo vivido, especificamente, no que diz respeito ao *agir humano*. Em outros termos,

Enquanto a redescrição metafórica reina principalmente no campo dos valores sensoriais, práticos, estéticos e axiológicos, que fazem do mundo um mundo *habitável*, a função mimética das narrativas exerce-se de preferência no campo da ação e de seus valores *temporais* (Ricoeur, 1994, p. 12).

Ricoeur enxerga na inovação semântica de que se compõem as intrigas inventadas, o veio narrativo pelo qual refiguramos nossa existência temporal, sempre desordenada, disforme e perplexa: “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas” (ROSA, 2001, p. 37).

O “ser-como” da referencialidade metafórica traz consigo uma atitude dominante de ser-com-o-mundo-vivido, culminando numa propensão a certa passividade, no sentido de integrar-se ao mundo, apesar das incongruências existenciais de como ele se nos apresenta,

Mostrar-lhe os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatú – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada o céu embranquece – neblim que chamam de xerém. Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim... (Rosa, 2001, p. 42).

Já a *mimese*, a imitação do agir humano, como função primordial da narrativa, convoca à atividade, ao movimento, ao gestual de não identificação com o mundo vivido, mas de transformação humana e mundana,

Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava tudo aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade. Debelei que descuidassem de mim, restei escondido retardado. Vim-me. Isso que, pelo ajustado, eu não carecia de fazer assim. Podia chegar perto de Zé Bebelo, desdizer: – “Desanimei, declaro de retornar para o Curralim...” Não podia? Mas,

na hora mesma em que eu a decisão tomei, logo me deu um enfaro de Zé Bebelo, em trosgas, a conversação. Nem eu estava para ter confiança em ninguém. A bem: me fugi, e mais não pensei mais exato. Só isso. O senhor sabe, se desprocede: a ação escorregada e aflita, mas sem sustância narrável (Rosa, 2001, p. 152).

Para a perspectiva ricoeuriana, todo sentido da leitura do texto poético se esvai se este não fizer par com a referência, pois a enunciação metafórica e o discurso narrativo anseiam por levar a experiência à linguagem. Dito de outra forma, ao tensionar o mundo do texto e o mundo da leitura, a inovação semântica conduz o leitor a uma nova maneira de ser e agir no mundo vivido, mobilizado por uma constante necessidade de redescrevê-lo e refigurá-lo.

A enunciação metafórica e o discurso narrativo muito mais que descreverem o mundo vivido revelam-no, recriam-no, já que a nossa relação com ele não se realiza de forma direta, mas mediatizada pelas redescrições e refigurações provocadas pela inovação semântica. São essas redescrições e refigurações que ordenam, estabelecem congruência e dão sentido à existência humana, “No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 2001, p. 101).

Assim é que a referência textual concebida por Ricoeur encaminha para uma perspectiva ontológica que emerge desde a linguagem metafórica e narrativa em direção à redescrição e à refiguração do mundo vivido e do agir humano. As funções metafórica e mimética da linguagem não se conformam na constatação do estruturado que é o mundo vivido, mas se mobilizam de forma estruturante no que ele pode vir a ser.

Em síntese, a enunciação metafórica constitui-se na emergência de um sentido renovado na pertinência semântica instituída por determinada frase, a partir de uma atribuição impertinente. E o discurso narrativo, por meio da intriga efetivada nas narrativas de ficção, vem a ser o elemento mediador entre o acontecimento e a história, ou seja, é o gesto de tomar em uma unidade coerente, elementos, que no âmbito da vivência mundana, permanecem ao nível do incongruente e da perplexidade.

No entanto, Ricoeur alerta que as margens que separam as funções metafórica e mimética são demasiado sutis, pois que, embora a intriga, ancorada na mimese da ação humana, apresente personagens com a atitude dominante de agentes, podem também

sofrer reveses que os encaminham ao padecimento e à passividade, fazendo que com ocorra uma subordinação do épico ao lírico e vice-versa,

É assim que redescrição metafórica e *mimese* narrativa estão estreitamente intrincadas, a ponto de ser possível trocar os dois vocabulários e falar do valor mimético do discurso poético e do poder de redescrição da ficção narrativa (Ricoeur, 1994, p. 12).

Melhor seria falar, então, da existência de uma abrangente esfera poética abarcando a inovação semântica que se manifesta no poder de redescrição e de refiguração do mundo vivido por meio do enunciado metafórico e do discurso narrativo, assim como bem ilustra Guimarães Rosa, nesta passagem de *Grande Sertão: Veredas*, que mais se assemelha a um exercício metalingüístico sobre a relação entre o real e o fictício na composição da linguagem poética,

Olhe: conto ao senhor. Se diz que, no bando de Antônio Dó, tinha um grado jagunço, bem remediado de posses – Davidão era o nome dele. Vai, um dia, coisas dessas que às vezes acontecem, esse Davidão pegou a ter medo de morrer. Safado, pensou, propôs este trato a um outro, pobre dos mais pobres, chamado Faustino: o Davidão dava a ele dez contos de réis, mas, em lei de caborje – invisível no sobrenatural – chegasse primeiro o destino do Davidão morrer em combate, então o Faustino quem morria, em vez dele. E o Faustino aceitou, recebeu, fechou. Parece que, com efeito, no poder de feitiço do contrato ele muito não acreditava. Então, pelo seguinte, deram um grande fogo, contra os soldados do Major Alcides do Amaral, sitiado forte em São Francisco. Combate quando findou, todos os dois estavam vivos, o Davidão e o Faustino. A de ver? Para nenhum deles não tinha chegado a hora-e-dia. Ah, e assim e assim foram, durante os meses, escapos, alteração nenhuma não havendo; nem feridos eles não saíam... Que tal o senhor acha? Pois, mire e veja: isto mesmo narrei a um rapaz de cidade grande, muito inteligente, vindo com outros num caminhão, para pescarem no Rio. Sabe o que o moço disse? Que era assunto de valor, para se compor uma estória em livro. Mas que precisava de um final sustante, caprichado. O final que ele daí imaginou, foi um: que, um dia, o Faustino pegava também a ter medo, queria revogar o ajuste! Devolvia o dinheiro. Mas o Davidão não aceitava, não queria, por forma nenhuma. Do discutir, ferveram nisso, ferravam numa luta corporal. A fino, o Faustino se provia na faca, investia, os dois rolavam no chão, embolados. Mas, no confuso, por sua própria mão dele, a faca cravava no coração do Faustino, que falecia...
Apreciei demais essa continuação inventada. A quanta coisa limpa e verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da

vida em sua lerteza de sarrafaçar. A vida disfarça? Por exemplo. Disse ao rapaz pescador, a quem sincero louvei. E ele me indagou qual tinha sido o fim, na verdade de realidade, de Davidão e Faustino. O fim? Quem sei. Soube somente que o Davidão resolveu deixar a jagunçagem – deu baixa do bando, e, com certas promessas, de ceder uns alqueires de terra, e outras vantagens de mais pagar, conseguiu do Faustino dar baixa também, e viesse morar perto dele, sempre. Mais deles, ignoro. No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar pelo exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso... (Rosa, 2001, p. 101).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

RICOUER, Paul. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: RÉS, 1989.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – tomo I*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas-SP: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Da metafísica à moral*. Trad. Sílvia Menezes e António Moreira Teixeira. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.